



## **CRIMINALIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES CULTURAIS DA PERIFERIA: ESTIGMATIZAÇÃO DE RITMOS PERIFÉRICOS E SEUS REFLEXOS NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM**

Layse Pereira da Costa <sup>1</sup>  
Mariana Lins de Oliveira <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O funk e o rap, gêneros representativos para os jovens nas periferias brasileiras, muitas vezes são alvos de repressão pelos diversos setores da sociedade desde seus processos de nacionalização até a atualidade. Levando em consideração este contexto, o presente artigo visa dialogar acerca dos reflexos da criminalização de expressões culturais da periferia na instituição escolar e na educação formal. De forma mais específica, buscou-se averiguar os impactos nas vivências de aprendizagem de moradores da periferia quando recaem sob eles estigmas referentes as suas identidades culturais na sociedade e também na escola. Para tanto, realizou-se uma pesquisa natureza qualitativa e descritiva através da aplicação de um questionário online entre os dias 10/04/2020 e 13/04/2020, no qual os/as colaboradores/as tiveram que identificar o estilo musical correspondente a trechos de sete (7) músicas, oriundas do funk, rap, sertanejo, rock, forró, pop e mpb. Os dados obtidos em função das 112 respostas válidas dão destaque ao funk e ao RAP como as alternativas de escolha de um número significativo da amostra em praticamente todas as questões, mesmo quando a música era originária de outro segmento musical. Das sete questões analisadas, em somente uma o funk e o rap não somaram grandes porcentagens. A análise enfatiza o que comumente a sociedade espera pelas manifestações culturais periféricas. Expressadas, nesse caso, pela percepção negativa em relação ao conteúdo abordado em suas produções.

**Palavras-chave:** Cultura periférica, Criminalização, Identidade, Aprendizagem.

### **INTRODUÇÃO**

*“Eu só quero é ser feliz. Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é. E poder me orgulhar. E ter a consciência que o pobre tem seu lugar”.* Entoado na década de 1990 quando os primeiros movimentos nacionais do funk se delineavam no Brasil, o “Rap da Felicidade” reflete já nos seus primeiros versos sobre as condições de vida dos moradores da periferia e suas dificuldades de serem reconhecidos pelos demais setores

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [laysep.costa@gmail.com](mailto:laysep.costa@gmail.com);

<sup>2</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana Lins de Oliveira, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [mariloliveira@gmail.com](mailto:mariloliveira@gmail.com).



da sociedade. Na época, o ritmo pelo qual essa parcela significativa da população expunha suas angústias e revoltas era muito perseguido, sendo alvo de inúmeras tentativas de repressão e silenciamento.

Nos últimos anos, a relação favela-asfalto, pelo menos em termos de música, parece ter avançado em uma direção mais positiva. Tanto o rap quanto o funk, gêneros oriundos desse espaço marginalizado, romperam as barreiras territoriais, atingiram um público que não se restringe às comunidades e tem suas músicas entre as mais tocadas nas plataformas de streaming (JORNAL METRO, 2019).

Contudo, se por um lado a mensagem da periferia pode e tem sido ouvida por um público cada vez mais diverso, por outro, as repressões aos seus expoentes e ao espaço originário avançam na mesma proporção. Não são raras as vezes que especialistas se utilizam de argumentos como as melodias simples e as letras mais combativas para comentar que o rap e o funk não se caracterizam como arte genuína, reforçando uma ótica hegemônica do que é arte. Mais recorrentes ainda são as associações aos artistas como “criminosos”, “estupradores”, “drogados” e “perturbadores da ordem pública”, mesmo sem qualquer prova cabível (CYMROT, 2011; AMARAL & NAZÁRIO, 2017; SILVA, 2014).

Entendendo a escola como uma instituição social, integrada à sociedade, e que tem por base a afirmação de conhecimentos e valores considerados universais, mas que acaba assimilando um único modelo cultural e perpetuando os pensamentos dessa forma de cultura em sua prática, como aponta Candau (2002), cabe pensar: como a vivência com tais estigmas impactam a vida dos indivíduos moradores das periferias? Sabendo, também, que a aprendizagem é processo complexo e que envolve tanto aspectos biológicos quanto emocionais e socioculturais, em que medida as experiências desses alunos na escola podem ser afetadas por essa criminalização?

Sob essa perspectiva, o referido artigo se propõe a discutir a relação de fatores contextuais nos processos de aprendizagem de jovens, abordando especificamente os reflexos da criminalização de expressões culturais da periferia na instituição escolar e na educação formal. A intenção da pesquisa é averiguar as possíveis implicações na aprendizagem de moradores da periferia quando são cultivadas percepções negativas de suas identidades culturais na sociedade e também na escola.

A seguir, as informações coletadas por meio do questionário online aplicado entre os dias 10/04/2020 e 13/04/2020, serão descritas. Não houve pretensão de se



chegar a afirmações conclusivas, mas sim de contribuir com o debate sobre a cultura, criminalização de manifestações culturais e sua relação com a educação.

## **METODOLOGIA**

Para fins deste estudo, optou-se por uma pesquisa descritiva, a qual segundo Gil (2008) tem como objetivo “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos”. A coleta de dados foi feita através de um questionário online entre os dias 10/04/2020 e 13/04/2020 na plataforma Google Forms. O link para o formulário foi divulgado nas mídias sociais digitais: whatsapp e instagram.

Inicialmente, foram explicitadas a natureza da pesquisa, seus objetivos e como iria ocorrer. Aceitando participar, os/as respondentes eram direcionado/as a próxima página, ou seja, a primeira parte do questionário. Nesta, foi solicitado que os/as colaboradores/as preenchessem um formulário com seus dados sociodemográficos, visando caracterizar a população da pesquisa. Em seguida, foram apresentados trechos de músicas de variados ritmos, entre eles: funk, rap, mpb, pop, rock e sertanejo. Os/as respondentes deveriam, então, identificar o ritmo correspondente ao trecho apresentado.

As informações foram investigadas a partir da abordagem qualitativa. Nesse horizonte, objetivou-se com o questionário averiguar a percepção do grupo acerca dos estilos musicais marginalizados - funk e rap, neste caso -, por meio de como era feito o julgamento dos trechos das músicas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através do questionário online, aplicado entre os dias 10/04/2020 e 13/04/2020, obteve-se uma amostra total de 112 participantes, dos quais 51,8% eram do gênero masculino e 48,2% do gênero feminino. Desses, 45,5% tinha entre 20 e 25 anos de idade, 29,5% tinha entre 18 e 20 anos de idade, 20,5% tinha mais de 25 anos de idade e 4,5% tinha menos de 18 anos.

A respeito do nível de formação dos participantes, a maior parte do grupo, equivalente a 58,9%, estava cursando o ensino superior. Os que já haviam concluído a graduação somaram 22,3%. Entre os demais, 16,1% possuía ensino médio completo e 2,7% estava concluindo o ensino médio. Em relação ao tipo de instituição, 58,9%



afirmaram que estudaram ou estavam estudando em uma instituição pública, enquanto 41,1% estudaram ou estavam estudando em um estabelecimento privado.

Já quanto a formação dos que estavam na graduação ou haviam concluído, a amostra se mostrou bastante variada. A maior parte cursou ou estava cursando faculdades na área de tecnologia, em graduações de Engenharias, Sistema de Informação, Ciência da Computação, entre outras. O restante do grupo possuía formação ou estava com o ensino superior em andamento nas áreas de: saúde, em cursos de Nutrição, Odontologia, Psicologia e Enfermagem, por exemplo; Educação, com destaque para as graduações de psicopedagogia, pedagogia e educação do campo; de ciências biológicas e de ciências sociais.

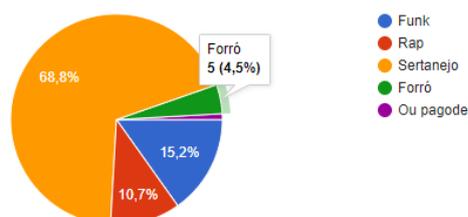
Na segunda parte do questionário, os participantes tiveram que identificar os estilos musicais correspondentes aos trechos das sete (7) músicas apresentadas. Os dados obtidos em função das 112 respostas válidas dão destaque ao funk e ao RAP, ambos ritmos oriundos das camadas periféricas, como as alternativas de escolha de um número significativo da amostra em praticamente todas as questões. Das sete questões analisadas, em somente uma o funk e o rap não tiveram grandes porcentagens. O sertanejo foi outro ritmo que apareceu expressivamente como opção de escolha nas respostas coletadas.

No trecho da primeira música analisada (Gráf. 1), 68,8% dos participantes indicaram o ritmo musical corretamente – sertanejo, nesse caso –, enquanto 15,2% julgaram os versos como originário de uma música de funk e 10,7% acreditavam que pertencia a um RAP.

**Gráfico 1:** Gráfico das respostas do primeiro trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "Tô afim de você e se não tiver, cê vai ter que ficar". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas



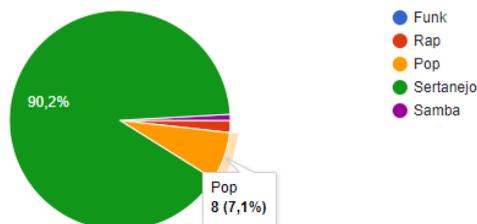
**Fonte:** Google Forms

O trecho da quinta questão (Gráf. 2) também pertence a uma música sertaneja e teve sua resposta verificada por 90,2% dos colaboradores.

**Gráfico 2:** Gráfico das respostas do quinto trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "Ela ronca demais, mancha as minhas camisas (...) Tá doido que eu vou fazer propaganda de você". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas



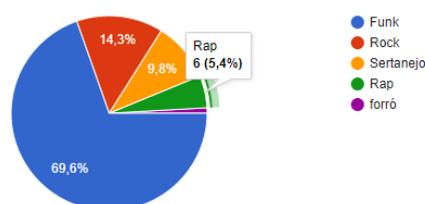
**Fonte:** Google Forms

O segundo trecho apresentado, embora faça parte de uma música de rock, foi indicado por 69,6% dos participantes como pertencente a uma música de funk. Os que indicaram que o trecho pertencia ao ritmo sertanejo correspondem a 9,8% e 5,4% ao RAP, como demonstra o Gráfico 3.

**Gráfico 3:** Gráfico das respostas do segundo trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "O quê o que que essa criança tá fazendo ai toda mocinha? Vê, já sabe rebolar (...) Me fala a verdade, quantos anos você tem? Eu acho que com a sua idade já dá pra brincar de fazer neném". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas



**Fonte:** Google Forms

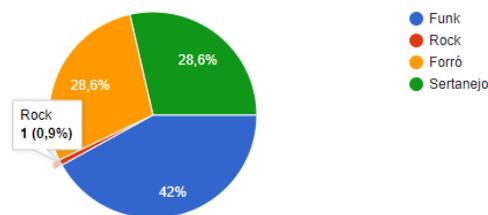


A mesma tendência foi seguida na terceira questão (Gráf. 4). O funk foi novamente o estilo musical mais julgado como equivalente ao trecho evidenciado, dessa vez por 42% dos participantes. Apenas 28,6% acertaram o verdadeiro ritmo da música ao optarem pela alternativa “forró”.

**Gráfico 4:** Gráfico das respostas do terceiro trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "Taca cachaça que ela libera, se você tá com medo de pedir um beijo pra ela". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas



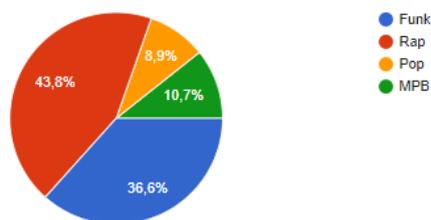
**Fonte:** Google Forms

Resultado semelhante pode ser observado no trecho da sexta questão (Gráf. 5). O verso foi retirado e traduzido de uma música pop norte-americana, mas a maioria dos colaboradores da pesquisa acreditou que se referia a um RAP, 43,8% dos que responderam, e a um Funk, 36,6%.

**Gráfico 5:** Gráfico das respostas do sexto trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "Sim, eu tive uma vadia, mas ela não era tão má quanto você". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas



**Fonte:** Google Forms

Em comum, todos os trechos acima comentados apresentam comportamentos misoginos, machistas e de objetificação das mulheres como pano de fundo de suas letras. Em comum, nenhum deles é originário de ritmos periféricos que sofrem repressão atualmente. Assim, o argumento de criminalização do funk ou do rap



exclusivamente pelo conteúdo de suas produções parece ruir, uma vez que outras produções aclamadas pelos críticos musicais e pela sociedade em geral, refletem em suas obras noções igualmente problemáticas.

Para Oliveira Filho (2016) os estigmas culturais relacionados as produções periféricas compõem um projeto de criação do mito do “negro conceitual” idealizado pela supremacia branca, responsável pela escravidão e genocídio da população negra, sob a justificativa de “progresso” e “civilização”. Nessa ótica, a criminalização de movimentos culturais das camadas marginalizadas pode ser entendida como parte de um esboço muito maior e mais complexo, desenvolvido sob fortes raízes históricas, hegemônicas e racistas.

Se retornarmos a história do samba, outro ritmo semeado nos morros, podemos notar associações semelhantes a que se fazem hoje com o Funk e o RAP. O gênero, que tem influência de estilos musicais associados à cultura africana, começou a ser difundido no Brasil na virada do século XIX para o século XX, depois dos eventos que culminaram na migração de ex-escravos, especialmente do sertão baiano, para então capital do país, o Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2016).

Antes de ser considerado como um elemento constitutivo da cultura nacional – como tem sido a partir do governo de Getúlio Vargas -, o samba e os sambistas foram bastante perseguidos. Na época, festas e cultos que aconteciam em torno do samba foram interrompidos pela ação policial que alegava “perturbação à ordem pública”, “vadiagem” e “crimes contra a saúde pública” (AMARAL & NAZÁRIO, 2017). João da Baiana, um dos sambistas mais conhecidos no Rio de Janeiro foi preso diversas vezes quando andava pelas ruas cariocas com seus instrumentos musicais em mãos acusado de ser criminoso (SILVEIRA et al, 2017).

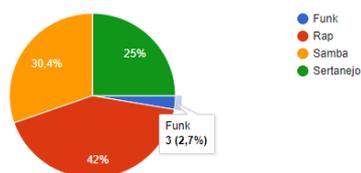
Os trechos das questões quatro (Gráf. 6) e sete (Gráf. 7) eram os únicos oriundos de músicas de RAP e Funk, respectivamente. Apesar das letras não fazerem referências aos marcadores associados as produções periféricas, parte significativa dos participantes obteve êxito em sua resposta, especialmente no trecho pertencente ao RAP. Vale comentar que mesmo na questão sete, em que a letra era de um Funk, a opção “RAP” foi preferível entre os colaboradores. O que sugere que a criminalização é desigual dentro dos próprios movimentos culturais da periferia.



**Gráfico 6:** Gráfico das respostas do quarto trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "Todo grande homem tem uma grande mulher, que nunca tá atrás, mas fica sempre do seu lado". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas

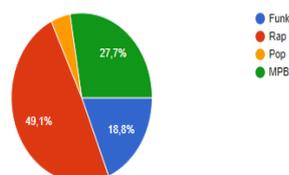


**Fonte:** Google Forms

**Gráfico 7:** Gráfico das respostas do sétimo trecho analisado

Analise o trecho a seguir: "Professora me desculpe, mas agora vou falar (...) Nada contra ti, não me leve a mal. Quem descobriu o Brasil não foi Cabral". A qual estilo musical você acha que a música pertence?

112 respostas



**Fonte:** Google Forms

De acordo com Goffman (1998 apud DIAS, 2011, p. 92), a normalidade é “uma construção social que permite manter uma ordem estável por meio da confiança em pressuposições construídas pelas interações sociais, as quais se tornam cognitivamente familiares”. O estigmatizado seria, então, um indivíduo com características diferentes da norma social aceita e, por isso, classificado de modo excludente.

Ao longo da análise, as expectativas negativas depositadas sobre o conteúdo das produções periféricas ficaram evidentes, ainda que um grau não muito expressivo, mas mesmo assim cabível de reflexão. Em trechos que faziam referência a assuntos problemáticos, como nas questões 2 e 3 (Gráf. 3 e 4, respectivamente), a maioria dos colaboradores associaram os versos a ritmos periféricos, em especial ao funk. Por outro lado, em trechos onde os assuntos eram mais brandos, como na questão 4 (Gráf. 5), essa identificação foi reduzida.

A medida que assumem a estética periférica como componente de suas identidades, os moradores e artistas periféricos veem recair sobre eles os mesmos estigmas que carregam as produções culturais e o local em que vivem. Em um estudo de Silva (2014) sobre a experiência da instalação das UPP's nas favelas cariocas, um dos moradores relatou “[...] eles não sabem o que esperar e todos são suspeitos”, fazendo referência a ação dos policiais de considerar todos os moradores como criminosos por simplesmente estarem em uma área geralmente associada ao crime.

Goffman (1998 apud DIAS, 2011, p. 92) enfatiza que a tensão e o medo da rejeição são comuns para o estigmatizado, já que este não sabe como será a reação do



outro diante de seu marcador. No espaço escolar, esses sentimentos ficam ainda mais claros quando associados a reações negativas e de exclusão por parte dos professores, alunos, gestores e familiares dos alunos.

Em um estudo realizado com jovens funkeiros da periferia de Belo Horizonte, Dayrell (2002) conseguiu captar algumas significações que esses jovens atribuem a vivência na instituição. Um deles conta:

“Minha lembrança da escola é péssima, eu nem gosto muito de tocar nesse assunto não. (...) A professora falava lá, eu não gostava desses papos lá... eu sempre contestando o que ela falava. Sempre batendo de contra, pelo menos o que eu achava. Ignorando, também, o lado da ignorância minha. Eu queria mais era brincar, e sempre caía na turma dos mais bagunceiros. Ah, sei lá, escola pra mim era um saco”. (DAYRELL, 2002, p. 123).

A descrença em si mesmos e a total responsabilização por seu fracasso escolar também ficam marcados na transcrição. O jovem lembra, ainda, que “sempre caía na turma dos mais bagunceiros”. Para Valla (1994 apud SOUSA, 2008) essa ação faz parte de uma tendência da escola de afastar os alunos “fracos” – e aqui, entende-se os mais “fracos” como portadores de estigmas de qualquer natureza – de uma maior participação.

A turma de “fracos” é concebida como um fardo e os familiares dos alunos “fortes” não querem seus filhos misturados com os que são diferentes, pois compreendem que isso atrapalharia o rendimento desses outros. E assim são mantidos os abismos sociais, mesmo em um espaço, via de regra, democrático e plural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A aprendizagem é um processo complexo, construído e condicionado mediante a inter-relação de diferentes aspectos, sendo eles: biológicos, sociais, culturais, históricos e econômicos. Além desses, Rubem Alves (2004) acrescenta o desejo de aprender, a motivação, como algo indispensável para a aprendizagem. Para ele, é preciso que se provoque o desejo de aprender antes da exposição de determinado conteúdo e esse despertar do desejo vem por meio da significação, das relações desses conteúdos com as experiências cotidianas dos alunos.

Desse modo, investigar quais são as práticas que permeiam a vivência dos estudantes na atualidade e como essas práticas podem e estão sendo aplicadas no ensino



formal, de forma a despertar o desejo de aprender, é de suma importância para tratar dos problemas educacionais que crescem no nosso país.

Os achados da presente pesquisa podem colaborar na formulação de futuras questões sobre esta temática e na problematização de práticas pedagógicas que desconsideram a identidade cultural dos estudantes. Como visto, apesar do funk e do RAP terem ganhado força nos últimos anos e terem se constituído como um meio pelo qual os jovens utilizam para expressar suas vivências, são comuns e recorrentes as associações de letras problemáticas, que trazem abordagens preconceituosas e violentas, à estes ritmos.

Através dos dados aqui revelados é possível vislumbrar uma correlação entre a manutenção de valores hegemônicos do passado e a construção de identidades, expressões e movimentos que são julgados como inferiores, marginais. A correlação aqui vista trata exclusivamente das letras negativas atribuídas ao funk e ao rap por um número expressivo de colaboradores, mas pode ser estendida aos indivíduos que se manifestam através desses ritmos, uma vez que ao assumirem tais gêneros estão sujeitos aos estigmas que recaem sobre eles. Estudos empíricos com estudantes funkeiros ou rappers e professores são necessários para avaliar mais profundamente esses efeitos.



## REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Desejo de ensinar e arte de aprender**. Campinas: Fundação Educar, 2004.

AMARAL, A. J. do; NAZÁRIO, A. L. T. Cultura e criminalização: um estudo de caso sobre o funk na cidade de Porto Alegre. **Revista de Direito da Cidade**, v. 9, p. 50-77, 2017.

CANDAU, V. M. F. Sociedade, cotidiano escolar e cultura (s): uma aproximação. **Revista Educação e Sociedade**, n. 79, p. 125-162, 2002.

CYMROT, D. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. 2011. 205 f. Dissertação (Mestrado em Direito Penal) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Rev. Educação e Juventude**, v. 28, p. 117-136, 2002.

DIAS, I. M. T. Estigma e ressocialização - uma análise sobre direitos humanos e reintegração de adolescentes em conflito com a lei. **Revista Videre**, n. 6, 2011, p. 87-109.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORNAL METRO. **São Paulo bate Rio como cidade que mais ouve funk no Brasil**. Jornal Metro, 2019. Disponível: <<https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2019/10/03/sao-paulo-bate-rio-como-cidade-que-mais-ouve-funk-no-brasil-ao-menos-no-spotify.html>>. Acesso em: 25/07/2020.

OLIVEIRA FILHO, E. W. O.; A criminalização do negro e das periferias na história brasileira. **Vertentes do Direito**, v. 3, p. 60-75, 2016.

SARAIVA, A. Abandono escolar é oito vezes maior entre jovens de famílias mais pobres. **Agência de notícias do IBGE**, 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25883-abandono-escolar-e-oito-vezes-maior-entre-jovens-de-familias-mais-pobres>>. Acesso em: 25/07/2020.

SILVA, L. S. Agora abaixe o som: UPPS, ordem e música na cidade do Rio de Janeiro. **Caderno CRH**, v. 27, n. 70, p. 165-179, 2014.

SILVEIRA, A. A. et. al. Do samba ao funk: quando ritmos viram casos de polícia. In: ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO - FACULDADE LUCIANO FEIJÃO, 9., 2017, Sobral. **Anais...** Sobral: Faculdade Luciano Feijão, 2017, p. 1-10.

SOUSA, R. M de. **O estigma na escola: a produção do “aluno-problema”**. 2008. 67 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2008.